



Uma vista da cidade de Roma

A estampa que estamos vendo apresenta-nos ao longe a colossal igreja de S. Pedro, com o seu immenso zimbório.

Antes de chegar ao grandiosissimo templo, ha uma praça, que a nossa estampa não representa, bella e magestosa. Um viajante francez, que ha dois ou tres annos visitou a capital do orbe catholico, exprime-se, a respeito da mencionada praça, de um modo que bem faz avultar o magnifico effeito daquelle formoso accessorio da maior obra artistica do catholicismo.

— Nenhuma belleza ha mais solida e mais sã, do que a desta grande praça; o nosso Leuvre e a praça da Concordia, são, em comparação della, apenas decorações da Opera. Vai ella subindo pouco e pouco, e desta sorte se descobre de um só lanço de vista. Duas soberbas ordens de columnas a encerram com a sua curva; no centro um obelisco, e dos lados duas fontes — agitando os seus penachos de escuma, povoam o seu enorme recinto... e no cimo de uma vasta escadaria, sobre uma accumulção de columnas, de fastigios, de estatuas, se ergue o gigante zimbório. —

O juizo que esse mesmo viajante critico exprime a respeito da igreja de S. Pedro, me parece de todo o ponto accetavel, e corrige as exaggerações que por vezes encontramos na apreciação daquella obra colossal.

O frontispicio da igreja como que esmaga o zimbório, occultando-o em grande parte: é a frontaria dum *Hotel de Ville* (casa de camara) emphatico, construido em uma época de decadencia. Complicaram as fórmãs, multiplicaram columnas, prodigalisaram estatuas, amontoaram pedras... e a belleza desapareceu por baixo desse atravancamento. Entrando-se na igreja, surge a mesma impressão: é grandiosa, mas theatral; é poderosa, mas emphatica; ha ali demasia de douraduras, de esculpturas, de marmores preciosos, de bronzes, de ornatos, etc.

Disseram: «Façamos a mais magnifica e a mais imponente decoração, que ser possa!» Bramante adoptou as grandes abobedas do palacio de Constantino; Miguel Angelo o zimbório do Pantheon; e destas duas idéas, engrandecidas uma pela outra, mas essencialmente pagãs, tiraram um templo christão. (1)

Em todo caso a obra é extraordinaria, e o assombro se apodera do espectador, ao ver esse todo gigantesco e colossal, resultado do trabalho de muitos annos, da intervenção de muitos pontifices, do talento de muitos architectos, esculptores, pintores, e artistas diversos.

Ao papa Paulo V cabe o projecto da edificação da basilica de S. Pedro; Julio II lançou a primei-

M. H. Taine. Voyages en Italie.

ra pedra nos alicerces em 1506; e a conclusão effeituou-se em 1616.

Pegado á igreja de S. Pedro está o palacio do Vaticano, residencia do papa durante o inverno; é ali que está a tão nomeada capella Sixtina, onde se encontra o celebre quadro do «Juizo Final» pintado a fresco por Miguel Angelo. Afóra o Vaticano, tem tambem o papa outro palacio, denominado — Quirinal — ou palacio di Monte Cavallo, muito notavel pelos seus jardins magnificos.

De todas as grandes cidades do mundo, nenhuma pôde comparar-se com a de Roma, emquanto ao numero e magnificencia de monumentos civis e religiosos, antigos e modernos: templos, palacios, academias, bibliothecas, museus, fontes, praças, pontes, etc. . . . tudo torna grandiosa aquella cidade, nos tempos de hoje; dos monumentos antigos ha grande copia, ou bem conservados, ou em ruinas que ainda tem grande magestade. Entre os monumentos antigos deve especialmente ser apontado o Coliseu, vastissimo e magnifico amphitheatro, que Vespasiano começou e Tito concluiu, destinado ao barbaro combate dos gladiadores, e onde os martyres christãos foram arremessados ás feras. O Coliseu foi em parte destruido pelos barbaros quando tomaram Roma; mas a outra parte que ainda ficou em pé dá cabal idéa da vastidão immensa e magnifica dessa obra colossal. Era, na realidade, grandioso aquelle monumento; mas o seu destino faz amaldiçoar para sempre a memoria de um povo que, dizendo-se civilisado, reunia mais de cem mil espectadores periodicamente, e por muitos dias, para assistirem a scenas de uma ferocidade barbara e inaudita.

Para as communicações de uma parte da cidade com a outra (dividida pelo rio Tibre—*Tevere*, em italiano) ha quatro pontes, das quaes a denominada S. Angelo, indicada na nossa estampa, é a mais notavel. — Tambem a nossa estampa nos deixa ver o famoso castello de S. Angelo, fundado sobre o logar onde estava o *mausuleo de Adriano*. Servio, em outro tempo, de refugio aos papas, e é hoje uma prisão.

## A TELEGRAPHIA TRANSATLANTICA

### — II

(Continuado de pag. 228)

Fallemos, em primeiro lugar, das condições essenciaes do problema.

É obvio que, para communicar, pela electricidade, dois pontos separados pelo oceano, é necessario que haja um corpo, que possa conduzir o fluido, quaesquer que seja a distancia. Este corpo é o cobre, metal que, sobre ser excellente conductor da electricidade, gosa de outras propriedades inestimaveis, quaes são a sua malleabilidade, relativa inalterabilidade, etc., etc. Mas com serem patentes estas propriedades, malavisado seria quem lançasse um fio de cobre, sem involucro ou vestimenta isoladora, no fundo do oceano, pois, grande parte da electricidade se perderia. O in-

volero escolhido foi a gutta-percha, substancia que abunda em Malaca e Sumatra, e que, sendo friavel e quebradiça no ambiente, quando ferida pelo sol, torna-se inalteravel e duradoura na agua do mar, em grandes profundidades.

Outro resguardo, porem, é ainda necessario, pois todos os cuidados são poucos, em coisa de tanto tomo e importancia. Por socegar a consciencia, e ter a quasi certeza de bom resultado, decidiram os engenheiros interpor ao fio metallico e á bainha de gutta-percha, uma materia isoladora, verniz especial, que já agora surtio os melhores effeitos.

Isto pelo que teca á composição do cabo; vejamos agora como se dispozeram estes elementos. Segundo o comprimento do caminho, e a resistencia que o cabo deve offerecer, assim os fios são mais ou menos numerosos, e varia a disposição delles.

O telegrapho, que une a Inglaterra com a Irlanda, é apenas composto de um fio simples de cobre; o nucleo do cabo transatlantico collocado em 1857, e do qual restam malfadadas memorias, era formado de sete fios, cujo diametro era obra de dois millimetros; entre Dover e Calais o cabo tem quatro fios interiores. No derradeiro cabo transatlantico variou esta disposição. É o nucleo composto de um fio central, em torno ao qual se enrolam seis outros helicoidalmente. Cada um destes fios é coberto da competente camada isoladora de gutta-percha, e a corda metallica é a final revistida de muitos involucros sobrepostos da mesma substancia, sendo que os fios estão ligados entre si por uma especie de cimento ou liame resinoso, ao passo que em volta do fio resultante foram adaptadas quatro camadas de uma substancia viscosa, glutinosa e pegadiça, completamente impermeavel á electricidade. Esta substancia recebeu o nome de *composição de Catterton*, do nome do seu inventor.

Se o acto da immersão não fosse tão difficil e complicado, o cabo que acima descrevemos, seria theoreticamente completo, e preencheria os fins propostos; mas, é sabido, e a experiencia assim o confirma, que para lançar o cabo ao mar, são inevitaveis os choques, que pôdem produzir rasgamentos e rupturas. Acresce tambem que nas proximidades das costas, as ondas revolvem e agitam o fundo, alteiando-o aqui, excavando-o acolá, e modificando continuamente o perfil. Alem destas circumstancias attendiveis, ha as correntes, o rebenstar das vagas e, sobretudo, o arrastamento das ancoras que com os seus gumes houveram depressa rasgado o involucro isolador. Daqui a necessidade de uma armadura de ferro. Surge, porem, uma nova difficuldade. Com effeito, se o cabo caisse verticalmente na agua, o esforço de tracção, que tende a quebrar o fio, seria igual ao peso de um metro de cabo multiplicado pelo comprimento da parte mergulhada; ou antes, este esforço podia-se avaliar multiplicando o volume do cabo submergido pela densidade. Mas o cabo não cae verticalmente, antes affecta uma curva, que

augmenta a tensão. Para conhecer, pois, qual a resistencia, que o cabo deve offerecer á tensão, como nós a conhecemos para o caso da queda vertical, determiná-la-hemos para o caso da queda curvilínea, multiplicando aquella por um certo coefficiente. Este não pôde ser determinado pela theoria, se não tão sómente pela experiencia, a qual nos dá o numero 1, 35, donde se infere que a tensão do cabo é igual ao peso do cabo immerso, multiplicado pelo producto do cumprimento e do numero 1, 35. Fazendo este calculo acha-se que a tensão é de 2, 700 kilogrammas, enquanto na pratica se dá, por maior segurança, a carga dupla ou tripla desta. Proseguindo neste raciocinio, e sabendo-se que o pezo especifico ou densidade do cabo, com o competente involucro isolador, é igual á densidade da agua do mar; sendo, para um dado ponto, unicamente variavel o pezo do cabo por um metro corrente, segue-se que, em resultado final, o pezo do cabo depende apenas e quasi exclusivamente, do pezo de armadura. Se esta é muito forte, tambem peza muito, e ameaçara partir-se; mas se é muito leve, tem um diametro pequeno e, portanto, torna-se fragil e quebradiça. Pouco importa, pois, para a resistencia á ruptura a fortaleza da armadura.

Em sciencias applicadas quando as condições technicas não resolvem o problema, entra-se com o elemento economico, o qual, formando uma ou mais equações, permite resolver o problema, tirando-lhe o caracter ambiguo.

Isto se fez no caso sujeito. Como a armadura não augmentava ou diminuía a resistencia á ruptura, mas tão sómente precavia o cabo dos accidentes, que podem dar-se junto das costas e em pequenas profundidades, estabeleceu-se que o cabo só fosse revestido junto ás costas e nos sitios aonde a altura da agua não excedesse 300 a 400 metros.

Não estão, porem, vencidas ainda todas as difficuldades.

É sabido que quanto maior é a profundidade maior é a pressão, e por isso alguém aventou a suspeição de que, a 5,000 metros, ou sob a enorme pressão de 500 atmospheras se alterasse ou modificasse a composição mollecular do fio de tal sorte, que a conductabilidade soffresse.

Fizeram-se cuidadosas e repetidas experiencias, e chegou-se a um resultado satisfatorio.

Inutil e sobremodo fastidioso seria descrever com toda a individuação as precauções com que os engenheiros porliaram em aperfeiçoar a textura do cabo.

Basta só acrescentar que a armadura não assenta immediatamente sobre o revestimento de gutta-percha, e que os fios de ferro, que a formam, são dispostos em spiral, porque, comquanto resistam menos, collocam-se mais facilmente, e e dão ao conjunto maior ligeireza.

Emfim, todas as condições foram habilmente ponderadas e avaliadas; ouvidos todos os dictames dos homens aptos, congraçados os alvitres mais raciocinaveis.

A resistencia foi scientificamente calculada. Havia a certeza absoluta de que o cabo não se romperia sob o proprio pezo, quando se apoiasse nas cumiadas de duas collinas oppostas. A erosão das agoas, o desgaste proveniente dos diversos agentes destruidores, tudo foi medido e a tudo se obviou sabriamente.

Debalde alguns sabios, e entre elles os do instituto de França, negaram, acaso por espirito nacional, o bom termo da grande empreza iniciada pelo Titão inglez. Os homens verdadeiramente praticos, esses que as subidas theorias sabem aliar o instincto do empirismo e a fé, que obra prodigios, sem se importarem com argucias de pretenciosa sciencia, auguraram bem da obra, e vaticinaram-lhe prospera fortuna.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

### A «IMAGEM DA VIDA CHRISTAM» DE FR. HEITOR PINTO

#### Estudo litterario

.....e os dois, que brilhão,  
Quaes estrellas Tyndarides fulgentes,  
HEITOR e Arraes de erudição fecunda,  
Que nos dão c'oa palavra amena e grave  
O sabor da verdade e da virtude.  
ELPINO DURIENSE.

(Continuado de pag. 232)

#### II

Aquelle estirado desenvolvimento, que no artigo primeiro censurámos, repete-se muitas vezes na «Imagem da Vida Christam.»

Vae Heitor Pinto dizendo que o filho de um homem muito religioso, ao ver o fundo das cousas, se sentia disposto a pensar na morte, e a recordar-se daquillo da Escriptura: *Lembra-te homem que és cinza, e que te has de tornar em cinza*: «Então (diz o filho) tornando sobre mim estou pasmado da minha ignorancia: e comparo-me a padecente sem juizo, que sendo condenado á morte, assinada e publicada a sentença, e dados os pregões, indo caminho da morte vay com confiança da vida, deleytando-se pelo caminho em vãos pensamentos, e apascentando os olhos com a fermosura dos deleytosos campos.»

O prazer de dar longo desenvolvimento á idéa principal levou Heitor Pinto a dizer cousas menos bem pensadas, embora em linguagem encantadora. Pois haverá alguém capaz de imaginar, que um triste condemnado, á hora em que vae caminhando para o cadafalso, tenha assaz de placidez para allongar os olhos pelos deleytosos campos, e saborear a fermosura das scenas da natureza? De mais disso: não é ordinariamente atravez das ruas das populosas cidades, que o condemnado é conduzido ao supplicio? Se ainda o infeliz tem um pequeno de esperanza... só esse sentimento o poderia dominar de todo, sem lhe deixar a menor possibilidade de olhar attento para os campos, e deliciar-se nas maravilhas da criação.

— Nem sempre vence Heitor Pinto a tentação de empregar uns certos trocadilhos que, em verdade, desfeiam a phrase. Assim, por exemplo:— Porque huma das cousas que muyto excita ao caminho da vida *sem fim* he a memoria da *fim*.—

Pareceria que o nosso religioso, sómente occupa-

do com os graves pensamentos da philosophia moral, não se demoraria em buscar enfeites, e em mostrar-se engenhoso e subtil. Mas não é assim: por vezes encontrareis na «Imagem da Vida Christam» passagens como a seguinte: «Tudo isto he hum fiado grosso, tirado de meu estudo, ordido na minha fraca memoria, tecido e lavrado com a fragil mão de meu bayxo engenho, e barbaro estylo.»

Quem ler com attenção a «Imagem da Vida Christam» ha de encontrar expressões qualificativas, que desagradam, ou por menos nobres, ou por disparatadas. Assim, por exemplo: *Almas enregeladas e encarameladas com os frios ventos do mundo.* — Nós pera nam peccarmos, *levemos connosco entrouxada na memoria a terra*, de que somos, etc.

— Deixemos, porem, por um pouco, os reparos da critica, e vamos saborear bellezas incomparaveis de pensamento, de estylo e de linguagem.

Lembraes-vos do famoso: *Beatus ille, qui procul negotiis*, de Horacio? Pois reparae agora como Heitor Pinto sabe reproduzir esse philosophico e sempre bemvindo conceito:

— «Grande mercè faz Deos a quem tira destes labyrinthos (*os da côrte e da politica*), e lhe dá um pobre casal, onde lavre em terra sua com bois seus, negociando com os campos, que nunca dam má resposta, onde viva contente a serviço de Deus, tirando-se de gastos superfluos, esquecendo injurias, refreando palavras, atalhando a desejos, pondo limites a appetites, cortando esperanças, vigiando os dias com alegria, e dormindo as noytes sem sobresalto, e finalmente onde descanse, nam fazendo caso do mundo, mas tendo conta com Deus, que a ha de pedir a todos.» —

No *Sumario de hum Sermam* de Heitor Pinto, que anda annexo á «Imagem da Vida Christam», encontro a pintura do *Lisongeyro*, que me parece primorosa:

— «...assi o *Lisongeyro* se rides ri, se chorays chora, se vos calais louva vosso silencio, se falaes engrandece vossas palavras, se mostraes ousadia, diz que a fortuna ajuda os ousados, se mostraes temor e pusillanidade, diz que os homens não hão de ser temerarios, mas sofridos e que o mal dos males he não os poder sofrer. Finalmente transforma-se em vossa condição, e representa vossas cousas com suas cores, mas tudo ás vexas, por que sua tençam não he louvar-nos, mas aproveylar-se de vós. Assi como no rio quando se brada entre montes, o tom he em huma parte, e em outra a pancada: assi quando o *lisongeyro* engrandece vossas cousas, o tom é em vosso louvor, mas a pancada em seu proveyto» —

Se percorreres a «Imagem da Vida Christam» encontrareis, uma ou outra vez, desenhado perfeitamente o vulto de algum grande guerreiro. Assim, reparae agora no como nos apresenta um resumido quadro dos feitos de Annibal:

— «Poys aquelle terribel Annibal, que ajuntando grandes nuvens de exercitos (*nuvens de exercitos... é demasia de hyperbole*) ameaçava o mun-

do com espantosas tempestades, e querendo effectuar o desejo de dominar, que muytos dias havia que tinha criado raizes em seu peito, atravessou os Alpes, espancou Italia, venceu grandes batalhas, e esteve em risco (*em risco?*) de saquear Roma. Depoys de tão illustres victorias foy vencido de Scipião em sua propria terra, e fugio della com grande magoa e ignominia, e de grande senhor veio a ser servo d'outrem, e a cayr em tam terribéis trabalhos, que nem pera cuydar no remedio delles tinha vagar. Que magoa te parece que teria, quando uma vez estando diante del Rey Antiocho disse estas palavras: Antes que me brotasse as barbas fuy servido, e depois que me nasceram as cans, comecei a servir? Com que nuvem de tristeza te parece que estaria então coberto seu coração?» —

Já me tarda assignalar o grande talento, de que Heitor Pinto dá mostras no genero descriptivo. Apresentarei um exemplo, que muito mais diz, do que quantos encarecimentos eu podesse fazer:

— «...Depois que fiz oraçam, e li os letreyros, e contempley a ermida, saime pera fóra pera ver se achava quem ali posera aquelles ramos, e fuy dar com uma grande arvore muyto velha cercada de tam forte era, que fazia com que se nam deslizesse, da par da qual se via a montanha até huns altos pinaculos, onde se hia acabar a vista d'huma banda, e da outra se via o grande mar, per que se estendiam os olhos até onde podiam com a vista abranger: de maneyra que de ambas as bandas era grande e soydoso o orizonte. De trás destas arvores estava hum hermitão assentado sobre hum penedo, com o rosto sobre huma mão, e noutra humas contas de bugalhos enfiados per humas raizes de ervas, estilando de seus olhos muytas lagrymas, com huma barba que lhe dava pela cinta banhada nellas, alva como a neve, vestido d'hum pobre burel roto e remendado per algumas partes: e elle tam magro e debilitado, que logo mostrava a grande penitencia, que fazia. Tinha pelo rosto huns sinaes a maneyra de regos, per onde as continuas lagrymas corriam.»

De proposito guardei para agora o principio da *descripção*, afim de fazer sobressair a valentia de expressão de Heitor Pinto em mais de uma passagem do seu livro: e, principalmente, o quanto era apaixonado das bellezas da criação, e admiravel pintor das scenas da natureza.

Dividirei em duas partes o indicado principio da *descripção*, para que os leitores apreciem melhor os dois aspectos do seu talento.

1.<sup>a</sup> — «...saí ao pé das altas montanhas de Genova, onde o mar tem feytas grandes furnas: e com o tom das ondas, e o rugido do vento, que se metia e retumbava naquellas concavidades, juntamente com o meneo das arvores, que per entre aquellas rochas havia grandes, e em algumas partes tam espessas, que empediam ao chão com suas ramas e claridade do sol, etc. —

2.<sup>a</sup> — «E entrando eu per entre huns altos rochedos ao longo d'huma ribeyra que decia da serra, fuy dar com hum lugar solitario, onde se fa-

zia hum pequeno valle cuberto de tão diversas ervas e graciosas flores, que me estiveram' arrebatando os olhos, que vissem aquella formosura. De maneyra que me detive hum pouco, e estive contemplando aquella singular tapeçaria, aquellas cores excellentes, aquelle cheyro natural, aquelle maravilhoso artificio da natureza, e a fermosura e diversidade das cousas, que a terra eriava.» —

A um pintor seria facil reproduzir com o pincel as scenas naturaes que Heitor Pinto debuxa com a penna. Assim, por exemplo na seguinte passagem :

— «E no proprio tempo em que eu de todo alcancey a casa de vista, a perderam de mi os mareantes engolfando-se no mar, e eu mettendo-me por hum alto e sombrio arvored. E indo assi quiz atravessar a ribeyra, que por ser muyto funda, per nenhuma parte podia passar da outra, senam que fuy topar com huma grande arvore, que sobr'ella jazia derribada, que parece cayó ali com a força dos ventos, a qual me servio de ponte, e passey avante.» —

O profundo encanto que a natureza lhe inspirava, e o quanto se deliciava na pintura das scenas naturaes, transluzem num sem numero de paginas da «Imagem da Vida Christã.» Só quem sente com vivacidade os arrebatadores quadros de mil graciosas perspectivas, — só esse é capaz de se exprimir como Heitor Pinto na seguinte comparação :

— «Os livros são huns verdes e frescos prados, donde o prudente e candido leytor colhe suaves e odoríferas flores, das quaes á imitação da industriosa abelha faz na colmeia de sua alma favos de doce e saboroso mel. São huns amenos e deleytosos pomares carregados de fermosas e saudaveis fructas para mantimento do espirito. São humas graciosas e ricas prayas do Oriente, onde se eriam e coalham as preciosas perolas das sentenças, e exemplos, e avisos, e documentos, com que a devota alma se orna e arceia.» —

— Temos tomado nota das bellezas de linguagem e de estylo que se nos foram deparando; mas, nem por isso deixamos de apontar as incorrecções e defeitos que encontramos em nosso caminho. É este o dever da critica; e no caso presente é esse dever tanto mais apertado, quanto se torna indispensavel observar, que nos escriptores classicos nem tudo é de boa lei. A lição de suas obras sómente poderá ser proveitosa, se tudo formos afferindo pelos principios da grammatiea philosophica, e em geral pelos dictames da razão e do bom gosto.

Será acaso bom modelo o seguinte modo de dizer de Fr. Heitor Pinto: — Hum peccador governado por seu damnado appetite anda fóra de si, em tanto que está aferrolhado e fechado a si mesmo; e pera tornar a si he necessario desfechar-se com a chave da consiração — ?

Ou est'outro: — Homens esquecidos e alongados de vós, quebradores e despresadores da minha ley fazey volta e tornay em vós, que não ha cousa tam longa de vós como vós. — ?

Deverá acaso ser imitado Heitor Pinto quando diz: — A desordenada e sobeja affeição posta como pasta diante dos olhos de nosso entendimento, nos impede a vista de nós mesmos, quer seja douro quer de chumbo, quero dizer, quer seja de cousa boas, quer de más, basta ser depravada affeição das creaturas — ?

Pelo contrario, são de admiravel belleza as seguintes phrases :

— E ainda-que a razão (quando preoccupada e cega) vá correndo, não alcança a opinião, que lhe vae fugindo. —

— Donde se colhe que os homens ociosos são inimigos de si mesmos, pois deixada a deligencia dos bons trabalhos, que he huma mina de bens, se dão á ociosidade, que he hum abysmo de males. —

— Os humildes estão mais cheos da doçura da sabedoria, que os inchados e insolentes. —

— Evidenciado fica, pois, o systema da critica imparcial que havemos seguido em nosso estudo; e do bom juizo dos leitores fiamos, que hão de approvar o theor do nosso procedimento.

— Falta-nos ainda ponderar e advertir algumas cousas. No artigo immediato concluiremos a nossa tarefa.

JOSÉ SILVEIRE RIBEIRO.



O tumulo de S. Vinox em Bergues

A presente estampa representa a ermida de S. Vinox, ou Vinox, da cidade de Bergues, — ermida que tomou o nome de *Tumulo de S. Vinox*, em razão de conter o corpo daquelle santo, encerrado em um caixão de prata, de grande ma-

gnificencia e riqueza. Esta ultima circumstancia fez que o caixão fosse remettido para a Casa da Moeda no tempo da revolução franceza, e convertido em dinheiro, não obstante constar pela tradição que um grande milagre havia operado, — e nada menos que navegar, sem ir ao fundo, pelo rio Colme abaixo, e restituir á vida uma menina que se tinha afogado. Os religiosos de uma abbadia benedictina, das visinhanças da ermida, perpetuaram aquella pia tradição, renovando todos os annos, no dia 6 de novembro, a cerimonia de mergulhar o caixão no rio, tendo, comtudo, a precaução de o não deixar ir ao fundo, e tanto mais, quanto o corpo do santo não tornou a fazer o milagre que se lhe attribuia.

S. Vinoc, que devemos escrever antes S. Winoc, era um príncipe da Bretanha, que no seculo VII passou a França, tomou o habito religioso, fundou uma capellinha na margem do rio Colme, nas faldas de uma colina — a *montanha verde* — e ali, prégando o Evangelho, converteu muitos chefes feudaes ao christianismo. O tumulo de Winoc foi depois objecto de veneração, e tido na conta de milagroso; de sorte que em volta da capellinha, que elle edificára, veio a formar-se uma povoação, nucleo da cidade que hoje existe, com o nome de Bergues.

Digamos duas palavras a respeito da cidade. — Bergues é uma pequena cidade do departamento do Norte em França, situada ao sueste de Dunkerque, a distancia de duas leguas, e mais afastada de Lille. A circumstancia de estar assente no ponto em que se ajuntam os Canaes de Bergues e de Hondscote, a torna muito própria e favorecida para o commercio, e é hoje importante pelo commercio de cereaes. Afóra isto, é tambem um excellento ponto fortificado, graças aos trabalhos do famoso Vauban, e a outros que a engenharia militar moderna ali tem feito. Tomada e retomada tem ella sido em differentes épocas: em 1658 passou ao poder dos Francezes, o, desde então; faz parte do territorio da França. Em 1793 soffreu um apertado cerco da parte dos Inglezes e dos alliados contra a republica; mas resistio a todos os assaltos, sendo as tropas sitiadas obrigadas a retirar-se, com grande perda de artilheria que forca lhes foi deixarem atraz de si (*the besiegers left above fifty pieces of cannon behind them* — os sitiados deixaram atraz de si mais de 50 peças de artilheria — diz uma narração ingleza que tenho á vista.) Pelo que leio em Malte-Brun, os arredores de Bergues eram pantanosos, como sendo duas grandes planicies chamadas *Moeres* (pantanos); mas os trabalhos hydraulicos modernos converteram esses pantanos, ou antes lagos, em campos ferteis e habitações ricas, — citando-se, como promotor destes melhoramentos, M. de Buyser, *maire* da communa dos Moeres.

A nossa estampa representa tambem a curiosa torre da atalaya, da mencionada cidade de Bergues. Foi construida pelos hespanhoes, tem uma grande altura, e é notavel pela sua elegancia e arrojado de construcção.

## A DAMA DE ESPADAS

(Novella russa de Pouchkine)

### I

Havia jogo em casa de Naroumof, tenente das guardas a cavallo, e passára-se uma comprida

noite lão depressa que ninguem tinha dado por isso, quando ás cinco horas da manhã se servio a ceia. Os que haviam ganho sentaram-se á meza com demonstrações de grande appetite; os outros, contemplavam melancolicamente os pratos ainda vassios. Comtudo, pouco a pouco, e, graças ao champagne, a conversação animou-se e tornou-se geral.

— O que fizeste hoje, Sourine? perguntou o dono da casa a um dos seus camaradas.

— Oh! hoje, perdi, como sempre. Com effeito, a fortuna parece fugir de mim. Por exemplo, esta noite começo a jogar a *mirandola*. Conhecem o meu sanguefrio; sou impassivel; não mudo nunca o meu jogo, e perço sempre!

— O que?! pois tu, em toda a noite, nunca apontaste á vermelha? Na verdade, é incrível a tua constancia.

— Então, o que me dizem de Hermann? disse um dos convivas apontando para um joven official de engenheiros. Vê-nos jogar noites inteiras e nunca fez um parolim nem pegou numa carta.

— Não desgosto do jogo, respondeu Hermann, mas não me sinto disposto a arriscar o necessario para ganhar o superfluo.

— Hermann é allemão e economico; ali tem o motivo porque elle não joga; mas neste genero não ha nada tanto para admirar como minha avó, a condessa Anna.

— Porque dizes isso, Tanski?

— Não tem reparado que ella nunca joga?

— É extraordinario, disse Naroumof, uma senhora de oitenta annos que nunca faz uma unica parada!

— Mas, aposto que não sabem porque?

— Não. Ha algum motivo para isso?

— Então, oiçam, e saberão que, quando minha avó esteve, ha sessenta annos, em Paris, fez furor ali. Corriam todos a ver a Venus moscovita. Richelieu fez-lhe a corte, e, segundo ella diz, os seus rigores levaram-no a extremos de se querer matar. Naquelle tempo era moda as senhoras jogarem o pharaó. Uma noite, ao jogo, no paço, perdeu a condessa, sobre palavra, e contra o duque de Orleans, uma avultada quantia. Recolhendo-se a casa, minha avó tirou as suas *moscas*, desmanchou o seu donaire, e foi assim, naquelle aspecto tragico, contar a sua desgraça a meu avó e pedir-lhe dinheiro com que solver a divida. Meu avó era para ella uma especie de administrador.

Temia-a elle tanto como ao fogo; mas, quando soube a cifra da divida, deu um pulo na sua poltrona, zangou-se, começo a deitar as suas contas e provou á condessa que, em seis mezes, tinha ella gasto meio milhão; disse-lhe, em bom russo, que não tinha em Paris as suas propriedades dos governos de Moskou ou de Saratof, e concluiu o seu discurso recusando o dinheiro pedido. Imaginam qual foi a raiva de minha avó! Deu uma bofetada no marido e encerrou-se no seu quarto, onde o não quiz receber. Tal era a sua indignação. No dia seguinte voltou á carga. Pela primeira vez na sua vida mostrou-se disposta a ouvir

rasões e explicações; mas foi em vão que ella quiz convencer o marido de que ha dividas e dividas, e que não se pôde tratar um principe como um fabricante de carruagens; perdeu toda a sua eloquencia; o avô estava inflexivel. A condessa não sabia que fazer á sua vida. Felizmente, conhecia um homem muito celebre naquelle tempo. Já ouviram fallar no conde de St. Germain, de quem se contam tantas maravilhas? Sabem que elle se apresentava como uma especie de Judeu Errante, possuidor do elixir de longa vida, e da pedra philosophal. Riam-se alguns d'elle como dum charlatão, e Casanova diz nas suas memorias que o conde de St. Germain era um espião. Seja o que fôr. Apesar da sua vida mysteriosa o conde era estimado na alta sociedade, e na verdade, era um homem amavel. Ainda hoje minha avó conserva por elle uma affeição profunda e chega a zangar-se se alguem, diante della, falla d'elle com menos respeito. Foi d'elle que a condessa se lembrou para obter o dinheiro de que precisava, e escreveu-lhe a pedir-lhe que viesse a sua casa. O velho thaumaturgo não se fez esperar, veio logo, e achou-a num estado de afflicção indizivel. Em duas palavras o poz ella ao facto de tudo; narrou-lhe a sua desgraça, e a crueldade de seu marido, e terminou dizendo a St. Germain que depositava a ultima esperanza na sua amizade e bisarria. O conde meditou alguns segundos e disse-lhe: — Era-me facilimo pôr á disposição de v. ex.<sup>a</sup> a quantia que me pede, mas eu sei perfeitamente que a condessa não descansaria enquanto me não embolçasse, e eu não desejo que v. ex.<sup>a</sup> saia d'uma posição difficil, para se achar logo n'outra. Sei um meio infallivel de se libertar da divida. É necessario que ganhe o dinheiro que perdeu... — Mas, meu caro conde, interrompeu minha avó, estou realmente pobre, não tenho nada... — Se a condessa me quizer ouvir, verá que não precisa de dinheiro. Então, o conde ensinou-lhe um segredo que todos que estão aqui pagariam a peso de ouro.

Tomski, que era ouvido attentamente por todos os seus companheiros, parou neste ponto para accender o seu cachimbo e depois continuou:

— Naquelle mesma noite a condessa Anna estava em Versailles, no jogo da rainha. Era banqueiro o duque de Orleans. A condessa contou-lhe uma historia para se desculpar de não ter ainda pago a sua divida, e depois, sentando-se, principiou a apontar. Marcou tres cartas: ganhou na primeira, dobrou na segunda e tornou a ganhar, fez o mesmo com a terceira, ganhou tambem; finalmente desforrou-se gloriosamente.

— Foi um acaso! disse um dos officiaes.

— Que historia aquella! ouviu-se de outro lado a Hermann.

— Então jogou a condessa com cartas preparadas? perguntou um terceiro conviva.

— Não creio que jogasse, respondeu Tomski com a maior seriedade.

— Mas porque é que, tendo tu uma avó que co-

nhece tres cartas em que nunca se perde, ainda lhe não pediste para te dizer quaes são?

— Ah! Naroumof, replicou Tomski, ahí é que está a difficuldade. A condessa tinha quatro filhos; meu pae era um delles. Tres eram intrepidados jogadores: nenhum obteve a revelação d'aquelle segredo de tão grande vantagem para elles e tambem para mim. Porém, oíçam o que, sob palavra de honra, me contou o conde Ivan Hlitch, meu tio. Tchaplitzki, aquelle que morreu na miseria depois de ter gasto milhões, quando era rapaz perdeu, um dia, contra Zoritch, trezentos mil rublos. Imaginem a dôr do pobre moço. A nossa heroína, que não era nada indulgente com as extravagancias dos rapazes, não sei porque, abriu uma excepção em favor de Tchaplitzki; deu-lhe tres cartas para que elle as jogasse a seguir, mas, com a condição de nunca mais em sua vida tornar a jogar. Tchaplitzki procurou logo Zoritch para tirar a desforra. Na primeira carta apontou cincoenta mil rublos, ganhou, fez parolim; para abreviar, enfim, com as tres cartas desta vez ganhou o que tinha perdido e ainda ficou com dinheiro... Mas, agora reparo, são seis horas da manhã! Parece-me que é tempo de partir.

Levantaram-se os convivas, beberam um ultimo copo e separaram-se.

(Continua)

#### UM SEGREDO REVELADO

Donzella, venho pedir-te  
(perdoa se sou curioso)  
que me digas o motivo  
por que assim tão pensativo  
vejo o teu rosto formoso  
pendido na debil mão?  
e esse olhar outr'ora vivo,  
inconstante e feiticeiro,  
que tu volvias ligeiro,  
porque o tens fito no chão?

Sorriste? Embora sorrisses...  
foste trahir-te inda mais;  
que um sorriso assim forçado,  
mostrando desdem fingido  
tem um inverso sentido,  
equival, a muitos ais.

Sorriste? Baldado intento  
se pretendes enganar-me!  
Tu tens no peito um segredo,  
trazes n'alma um pensamento  
que procuras occultar-me.  
Mas pr'a que? diz-mo sem medo,  
é um desejo innocente,  
sou teu amigo sincero,  
e não estranhes, se quero  
ser tambem teu confidente.

Porém guardas o silencio?  
acaso não te mereço  
este favor que te pego  
do mysterio revelar?  
Pois, louquinha, adivinhei-o,  
e tu se o queres guardar,  
repara no casto seio,  
diz-lhe que esteja mais quieto,  
porque se torna indiscreto  
a força de palpitar!

## FRAGMENTO

.....  
 .....  
 Á hora do crepusculo  
 Se passa meiga a brisa,  
 que as folhas balanceia,  
 que o ar aromatiza;

Se passa e leva um osculo  
 de amor ao teu retiro,  
 a fronte pendes languida,  
 e entregas-lhe um suspiro?

Acaso quando limpida  
 no puro firmamento  
 campêa a lua, eleva-se  
 a mim teu pensamento?

Lá quando no céu vividas  
 estrellas vês sem fim,  
 de amor fallando tímidas  
 recordas-te de mim?

E quando o somno placido  
 te embala docemente  
 Sorri-te a minha imagem  
 nos sonhos de innocente?

.....  
 .....

Coimbra

A. X. DE SOUZA CORDEIRO.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

— **Algumas considerações sobre a conveniencia de crear cursos de cirurgia em Lisboa, Porto e Coimbra por J. J. da Silva Amado, preparador e conservador do museu de anatomia da escola medico-cirurgica de Lisboa, primeiro secretario das sciencias medicas da mesma cidade, e cirurgião do hospital de S. José.—Lisboa. Impr. Nac. 1867.**

Os escriptos litterarios, scientificos, ou politicos não se medem pelo volume: a importancia do assumpto, e o modo porque este é tratado, — eis o padrão por que deve ser afferido o valor de taes publicações.

O opusculo de que ora tomamos nota tem apenas 28 paginas; e comtudo merece especial menção: 1.º por que é importante o assumpto de que se occupa; 2.º por que o author tracta esse assumpto com bastante gravidade e conhecimento de causa. — É possível a diversidade de apreciação; mas ninguem poderá contestar a existencia das duas circumstancias que apontamos.

— Sente-se em Portugal uma grande falta de facultativos e receia-se, com todo o fundamento, que essa falta cresça de dia em dia. Em um consideravel numero de povoações deste reino estão os infelizes doentes entregues ao tratamento e curativo de ignorantes curandeiros; e esse mal terrivel ha de agravar-se mais e mais por que, desgraçadamente, as corporações docentes portuguezas não produzem cada anno, senão uma diminuitissima quantidade de pessoas habilitadas para exercer a clinica.

Provirá esta lastimosa escassez do facto de serem muito demorados, muito difíceis, muito dispendiosos os cursos scientificos, independentemente de se verificarem os mesmos inconvenientes nos estudos preparatorios?

Eis a questão que o trevial bom senso dos homens estranhos a sciencia formulam, e á qual só podem responder cabalmente os competentes.

Conviria acaso reservar o desenvolvimento, e o rigor dos estudos unicamente para os individuos que se destinam ao professorado?

— Esquecia-me de que somente me occupo de uma noticia bibliographica.

O sr. Amado reconhece a falta de facultativos, maiormente fóra das cidades e das grandes povoações, e occupa-se de remediar o mal, resolvendo o problema sem recorrer ao estabelecimento de diversas classes de facultativos.

Neste sentido, e depois de percorrer a historia dos differentes systemas e alvitres da Europa sabia e de

Portugal, até aos nossos dias, em pontos de ensino das sciencias medicas, — propõe um projecto de organisação, que lhe parece ser proprio para satisfazer as necessidades do serviço medico em Portugal.

Quaes são os resultados que pretende conseguir? — 1.º Fazer entrar a instrucção, ainda nos graus mais elevados, na choupana do pobre; 2.º distribuir os facultativos pelas differentes terras do reino, na proporção das necessidades clinicas; 3.º occorrer á falta de facultativos nas povoações pequenas; 4.º procurar que o medico seja natural, ou proximo visinho da terra onde exerce a clinica; 5.º proporcionar um futuro mais prospero aos facultativos das povoações pequenas. Em todo caso não ficaria tolhida a liberdade dos clinicos, por quanto somente se sujeitariam aos compromissos — resultantes do projecto — os que voluntariamente se submeterem por meio de contracto.

Vejamos qual é, em substancia, o projecto que o sr. Amado propõe.

Na capital de cada districto haveria uma commissão de beneficencia presidida pelo respectivo governador civil, e composta do presidente da Camara, do provedor da Misericordia, e de dois vogaes nomeados pelo governo. — Esta Commissão seria dotada com o producto de uma quota sobre o rendimento das camaras, e misericordias do districto, na proporção da despeza que actualmente fazem com o tratamento dos doentes pobres, e do subsidio que o governo dá aos facultativos das cadeias e aos delegados de saude.

Os alumnos pobres que nas aulas de instrucção primaria se distinguissem pelo talento e applicação, seriam subsidiados para passarem á instrucção secundaria; e dentre estes seriam escolhidos os mais distinctos para seguirem cursos de instrucção superior. — Concluido o curso-medico-cirurgico, ficaria o alumno subsidiado constituido na obrigação de servir como facultativo municipal por espaço de seis annos, — passados os quaes, ser-lhe-hia livre ir estabelecer-se onde quizesse. — Haveria uma classificação de facultativos municipaes, de 1.ª, 2.ª e 3.ª ordem, correspondente á mesma classificação das terras, — e o provimento correria em escala ascendente a começar pela 3.ª ordem. — Obrigados seriam a tratar os doentes pobres — no domicilio, nos hospitaes e nas cadeias; os da 3.ª e 2.ª ordem seriam considerados sub-delegados de saude, os da 1.ª, delegados; e todos os da mesma ordem e do mesmo districto receberiam o mesmo ordenado, pago pelo thesoureiro da Commissão de beneficencia, — thesoureiro que nos esqueceu dizer seria nomeado no seio da propria Commissão.

Eis, muito em resumo, os pontos capitaes do projecto.

— Seja qual for o modo porque os competentes encarem a questão que o sr. Amado trata, — não poderá negar-se que o seu trabalho tem o merecimento que acima lhe attribuímos. O author apresenta-se nobremente diante do publico a discutir um assumpto em que muito vai do transcendente interesse da saude dos povos.

Lisboa 11 de junho  
de 1867.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a colleção completa des e interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aqueles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a colleção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

**As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:**  
Rua Aurea d.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as inais livrarias.

Em Braga, Porto, Coimbra e Vianna, em todas as livrarias.  
De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.